



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PEDAGOGIA**

THAÍS SILVA DOS ANJOS

**O PNBE NA ESCOLA: circulação ou proteção dos
livros?**

**SALVADOR
2009**

THAÍS SILVA DOS ANJOS

**O PNBE NA ESCOLA: circulação ou proteção dos
livros?**

**Monografia apresentada ao Colegiado de Pedagogia
da Faculdade de Educação da Universidade Federal
da Bahia, como requisito para a conclusão do curso
de Pedagogia, sob a orientação da Professora Dr^a
Lícia Maria Freire Beltrão**

**SALVADOR
2009**

O PNBE NA ESCOLA: circulação ou proteção dos livros?

THAÍS SILVA DOS ANJOS

APROVADA EM ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Mary de Andrade Arapiraca

Regina Lúcia de Araújo Gramacho

Lícia Maria Freire Beltrão
(orientadora)

SUMÁRIO

	Página
1. INTRODUÇÃO -----	09
2. HISTÓRIA SOBRE O LIVRO E A LEITURA NA ESCOLA -----	13
3. PROGRAMAS OFICIAIS DE LEITURA: O CASO DO PNBE -----	19
4. ESTUDO DE UM CASO: PNBE NA ESCOLA BATISTA VASCO DA GAMA -----	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	38
5.1 Considerações conclusivas -----	40
REFERÊNCIAS -----	44

RESUMO

Esta monografia trata do Programa Nacional Biblioteca na Escola, programa que compõe o Plano Nacional de Leitura, proposto pelo Ministério da Educação do nosso país. Tem como objetivo documentar a movimentação do acervo da Escola Municipal Batista da Vasco da Gama, investigando o uso dos livros oferecidos por esse programa. Toma como referência e base a pesquisa Observatório de leitura - Salvador lê, desenvolvida pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Linguagem (GELING), da Faculdade de Educação da UFBA, e propõe uma reflexão acerca do destino dos livros que compõe o acervo das bibliotecas escolares. Assumindo a leitura como principal procedimento da pesquisa, foi realizada uma revisão de literatura sobre o Programa bem como sobre o livro e a literatura, objetos que com o Programa estão articulados. Para ler o que se passa nas escolas que recebem o acervo do PNBE, foi feita uma escolha intencional, considerando-se escolas da rede municipal na qual atuam professoras licenciadas pela FAGED-UFBA, pelo Projeto Salvador e que recebem o acervo do PNBE. Entre as escolas, foi escolhida a Escola Batista da Vasco da Gama e nela foi realizada observação e entrevista com a vice-diretora. Os resultados revelaram que, nessa escola, não há espaço adequado para organização do acervo e seu fácil acesso pelos estudantes. Em vista disso, concluiu-se que o acervo não está sendo movimentado como era de se esperar e que o Programa, muito embora seja reconhecido pela Coordenadora Pedagógica como importante, ainda não cumpriu o seu objetivo específico.

Palavras chaves: PNBE, Leitura , Literatura

O verdadeiro analfabeto é aquele que sabe ler, mas não lê.

Mário Quintana

DEDICATÓRIA

Ao Senhor Jesus que me possibilitou chegar até aqui, criando e aperfeiçoando todos os meios para que isso fosse possível.

À minha mãe, Pesilda dos Anjos, pelo amor, cuidado, carinho e apoio nas horas que mais precisei. A você, “mainha”, que parece estar em meus pensamentos, dizendo e fazendo tudo o quanto foi necessário para que eu chegasse até aqui. Esta honra também é sua.

A meu pai, José Augusto dos Anjos, pela educação e transmissão dos princípios que norteiam minha vida. Foram suas palavras que sempre estiveram em minha memória para que nunca me desviasse do meu caminho. Sou imensamente grata por tal zelo.

À minha querida irmã, Tainã dos Anjos, pela companhia e cumplicidade, paciência e respeito, que por diversas vezes foi obrigada a ouvir a leitura de trabalho e mais trabalhos antes de minhas apresentações. Isso foi muito importante para mim. Obrigada.

Em especial, à minha avó Odete Bispo, que sempre acreditou que eu conseguiria chegar aqui, por suas palavras de ânimo e sua imensa alegria por me ver realizando um sonho. Te amo.

A Meu Bem, Dejaci Marinho, que todo o tempo esteve ao meu lado, suportando meus altos e baixos de humor, sempre com palavras doces, trazendo tranquilidade ao meu coração. Obrigada, Amor.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por tudo que sou, tudo que tenho e tudo que ainda vou ser e ter.

A todas as pessoas da minha família, tios, tias, primos, primas, que de alguma forma me incentivaram a persistir na caminhada, em especial, à minha tia Valdete que me impulsionou, quando nem eu mesma acreditava que seria possível.

A todos os meus irmãos Metodistas que intercedem sempre por minha vida.

A todos os professores da FACED-UFBA que me acompanharam durante todos os anos do curso e me formaram com seus ensinamentos.

À professora Lícia Belterão, minha orientadora, que com sua infinita paciência sempre me recebeu com palavras de acalanto e conforto, me mostrando sempre que rumo seguir na construção desta monografia.

À professora Mary Arapiraca, minha inspiração para realização desta monografia, assim como, exemplo de docência, carisma e atenção.

A meus/minhas colegas de curso que sempre estiveram do meu lado. Em especial, Mirella, Náira, Keila, Greice, Marcele, Gabriela, Talita, Paula, Jaguaciara, ente outros que ficarão para sempre em meu coração.

LISTA DE SIGLAS

CBL – CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO

CEALE - CENTRO DE ALFABETIZAÇÃO LEITURA E ESCRITA

CNLD – COMISSÃO NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO

COLTED – COMISSÃO DO LIVRO TÉCNICO E DO LIVRO DIDÁTICO

FNDE – FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO

GELING – GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO E LINGUAGEM

INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS ANÍSIO TEIXEIRA

INL – INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

IPT – INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS

MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

PNBE – PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA

PNLA – PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO PARA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

PNLD – PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO

PNLEM – PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO PARA ENSINO MÉDIO

1. INTRODUÇÃO

A formação de leitores sempre foi um dos grandes desafios da educação brasileira. As dificuldades de leitura enfrentadas pelos alunos das escolas públicas é um problema que vem desafiando as instituições governamentais há alguns anos. Isso pode ser constatado através dos resultados divulgados pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB). Os trabalhos de leitura que têm sido desenvolvidos nas escolas públicas de Salvador se mostram insuficientes para as demandas dos alunos, o que está explícito nos resultados da prova Brasil.

Apaixonada pelo mágico mundo da leitura e admirada com os caminhos por onde um livro pode nos levar, bem como inquieta com a atual situação de leitura dos alunos das Escolas Municipais de Salvador, tornei-me uma apreciadora do trabalho do GELING - Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Linguagem que funciona na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Ao ter contato com o referido Grupo, descobri a existência do Observatório de Leitura, pesquisa que está inserida em um projeto mais amplo, o Salvador lê.

O Observatório de leitura se iniciou como fruto da parceria da Universidade Federal da Bahia com a Universidade Estadual da Bahia e com o Conselho Municipal de Educação, em resposta ao decretado pela Lei 7.097/06 que instituiu 2007, como *Ano Municipal da leitura em Salvador*.

Conforme se pode ler no projeto, assinado pelo Grupo GELING, tem como objetivo mediar a formação de leitores – crianças, jovens e adultos – estudantes da Rede Municipal de Ensino, das séries iniciais da Educação Básica aos Programas de Educação de Jovens e Adultos.

Na prática, o GELING é responsável por realizar um estudo sobre o acervo de literatura infanto-juvenil disponível em escolas da Rede Municipal de Ensino de Salvador-Bahia, considerando a formação do estudante leitor em pelo menos três instâncias discursivas: a escola, a sala de aula e o ambiente familiar do aluno e a implicação do professor com essa formação.

Desse modo, o se propõe a conhecer qualitativa e quantitativamente os acervos de livros constante nas bibliotecas, bem como conhecer o uso que é feito desse acervo, estudá-lo e propor atividades para a sua mobilização.

Ciente desses objetivos e em consonâncias com eles é que optei por basear minha pesquisa nas experiências do Observatório de Leitura - Salvador lê.

Com o intuito de levantar questões acerca da movimentação do acervo escolar das escolas municipais de Salvador, escolhi intencionalmente realizar uma pesquisa bibliográfica, com a qual pudesse ampliar informações sobre o Programa, conseqüentemente, sobre política do livro e da leitura no nosso país e também uma pesquisa em campo para apreciar o movimento do acervo do PNBE na escola. Para tanto, seguindo os critérios já definidos pelo GELING, de articular as pesquisas do Observatório com as Escolas da Rede Municipal de Ensino nas quais existam docentes ou gestores que tiveram sua formação pelo Projeto Salvador- Curso de Pedagogia assumido pela FAGED – UFBA e que licenciou, aproximadamente, 130 professores da rede. A escolha recaiu na Escola Municipal Batista da Vasco da Gama, por ela corresponder a três critérios por mim estabelecidos:

- 1) Composição do acervo da biblioteca com livros recebidos do PNBE.
- 2) Composição do quadro de docentes e ou gestores da escola com professores que tiveram sua formação pelo Projeto Salvador – Faced -UFBA
- 3) Acessibilidade e facilidade na realização da pesquisa de campo.

Uma leitura prévia sobre o Programa, no site oficial do MEC, me fez compreender que, com o objetivo de “promover o acesso à cultura e à informação, bem como incentivar a formação do hábito da leitura nos alunos, professores e na população”, foi criado em 1997 o PNBE – Programa Nacional Biblioteca da Escola, e, desde lá, vem sofrendo modificações, se adequando às necessidades do sistema educacional vigente.

O PNBE é um programa do governo Federal, sob gestão do Fundo Nacional do desenvolvimento da Educação (FNDE), em parceria com a Secretaria de Educação básica do Ministério da Educação (MEC). Esse programa é encarregado de ofertar livros para constituir acervos das bibliotecas escolares.

Sabemos, porém, que o fato de as escolas estarem recebendo livros não garante que os alunos estejam fazendo uso deles.

O que se vem constando, e nisso a pesquisa Observatório de Leitura já registra como dado, é que há algum tempo os livros estão sendo enviados pelo PNBE, compondo os acervos de algumas bibliotecas escolares, mas, não chegavam à mão do estudante – alvo final do programa.

Os motivos da falta de acesso são diversos, entre eles, a falta de capacitação e/ou gosto dos próprios professores em relação à leitura. Nesses casos, os livros chegam à escola e são estocados nas bibliotecas, quando há bibliotecas, quando não, numa sala reservada. Sendo assim, não há circulação do livro, não há promoção da leitura, não há incentivo ao gosto pela mesma.

Visando diminuir a lacuna que existe entre o que se propõe e o que executa, é que surgem projetos de valorização à leitura, realizados por instituições afins.

Segundo Garcia (1992), a mola propulsora de todo trabalho com leitura na escola é, sem dúvida, o envolvimento e comprometimento profissional do professor, sem o qual tudo é desnecessário, tudo é em vão, tudo é inútil.

É baseada nessa afirmação que trago para enriquecimento desta pesquisa a experiência do Projeto Salvador, um exemplo de formação de professores.

O Projeto Salvador consiste num curso de Licenciatura em Pedagogia para Professores em exercício na Rede Municipal de Salvador. Esse Projeto foi realizado a partir de um convênio entre a Prefeitura Municipal de Salvador, através da Secretaria Municipal de Educação (SMEC) com a Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Atende uma demanda da Secretaria de Educação do Município de Salvador - Bahia para graduar professores da sua rede de ensino, no exercício da docência, nos níveis da Educação Infantil e do Ensino Fundamental/séries iniciais.

A primeira edição aconteceu no período de 2004 – 2007, na Faculdade de Educação, e foi dividida em 06 ciclos, totalizando 3200 horas.

A professora Maria Iris, informante nesta pesquisa, que leciona na Escola Municipal Batista da Vasco da Gama (escola escolhida para realização da pesquisa), foi uma das alunas deste projeto.

Reconhecendo a importância da qualificação do professor para o trabalho com leitura na Escola é que destaco a consecução desse projeto.

É de meu interesse verificar o acervo de tal Escola, observando o estado deste, bem como o acesso dos estudantes aos livros que o compõe.

Objetiva-se, portanto, analisar o PNBE, no sentido de verificar a execução dos objetivos propostos pelo mesmo, tendo como objeto de estudo a movimentação do acervo da Escola escolhida, a fim de que essa pesquisa some-se a outras já existentes e provoque reflexões sobre a eficácia de programas de incentivo à leitura, permitindo, assim, reavaliar, ou reafirmar procedimentos dos projetos aqui citados. Assim como levantar reflexões sobre a necessidade da capacitação para os professores que trabalham com leitura na Escola Municipal.

Para tanto, o procedimento de pesquisa fundamental a ser seguido é a leitura, tanto para a realização da pesquisa bibliográfica, quanto para a pesquisa de campo, acompanhada da análise efetuada e descritiva e de cunho interpretativo. Os dados a serem levantados na atividade de campo, que se realizará na Escola já citada, serão resultado de entrevista a profissional da Escola, bem como de observação e de visitas à biblioteca da Escola.

2. HISTÓRIA SOBRE O LIVRO E A LEITURA NA ESCOLA

“Ler é um ato libertador e quanto maior vontade consciente de liberdade, maior índice de leitura” (IVAN ANGELO apud SILVA, 1983, p.45). A leitura nos proporciona sensações incríveis, nos permite viajar em horizontes antes nunca possíveis; encarnar personagens de histórias magníficas; possibilita descobrir e experimentar emoções sem ao menos nos deslocarmos do nosso quarto.

O ato de ler é complexo e cheio de mistérios e fantasias, que encantam as mentes dos que se rendem aos livros e textos. O contato com o livro é um encontro sagrado cheio de expectativas e desejos.

Ao falarmos de leitura, logo vêm à nossa mente textos, livros, autores; automaticamente pensamos na educação formal, na escola, no professor...

Contudo, Paulo Freire (1981) nos diz que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, desta forma, ao chegar à escola o aluno possui uma gama de conhecimentos adquiridos em sua experiência pessoal, no seu mundo, que não podemos imaginar, nem desprezar.

Para NASPOLINI (1996), ler não significa somente compreender o que está escrito com letras. Significa também compreender algo sem palavras, que se observa e interpreta, como por exemplo, a arquitetura de um prédio, uma obra de arte, uma dança.

CHARTIER (1996) diz: “Ninguém pode compreender as situações evocadas nos livros se elas forem totalmente estranhas à sua experiência aos seus conhecimentos, ou exteriores ao seu meio”. Esse ainda continua sendo um grande desafio para as escolas, aproximar a realidade da criança daquilo que se oferece a ela para ler.

Os livros devem proporcionar ao leitor uma identificação, só assim, ele terá prazer na leitura desses. Como alguém pode se interessar por algo que não lhe tem significação alguma? Esse é um grande embate para o ensino da leitura, muitas vezes, a causa do não desenvolvimento do gosto pela leitura está nisso.

O desenvolvimento do gosto das crianças pela leitura, sua aproximação dos livros, demanda atenção dos adultos, porque são eles que agenciam a aquisição e o acesso delas aos livros.

Cassiane Schmidt em seu artigo aponta que,

A infância é terreno fértil para a formação de bons leitores, depende da mediação inteligente de pais e professores. Muitas vezes a leitura é apresentada aos pequenos infantes de maneira impositiva e obrigatória, o que por sua vez, compromete a relação, o nascimento do encantamento necessário para todo bom futuro leitor.

Sobre essa questão Spoked e Saracho destacam que,

As crianças devem aprender não apenas a ler, mas também a querer ler. A leitura deve ser uma experiência significativa e satisfatória, o que só pode acontecer quando as crianças lêem, porque querem e não porque têm que ler... (1998, p.259)

É na Escola que, na maioria das vezes, as crianças passam a ter um acesso mais frequente aos livros infantis, visto que a sua aquisição não é acessível a todas as camadas da população. Por isso, a escola deve ser o local onde as crianças possam saborear o mundo irreal, a fantasia a viagem pelo mundo dos livros.

A leitura no Brasil é um assunto delicado, pois, envolve questões políticas, econômicas, sociais e culturais. Para Edson Gabriel Garcia (1992) desenvolver a capacidade de leitura e o gosto pela leitura deve passar obrigatoriamente por níveis diferentes, mas, essencialmente interligados: 1) Postura dos órgãos centrais; 2) Postura da Unidade escolar; 3) Postura dos professores.

Segundo ele, o órgão central (governo), deve:

- Agilizar a montagem de acervo;
- Facilitar a criação de espaços de leitura;
- Possibilitar cursos de formação para o pessoal mais diretamente envolvido;
- Manter programas de ampliação e reposição de acervos.

Ele ainda diz que a escola como um todo pode dar parâmetros para o desenvolvimento da capacidade e o gosto pela leitura:

- Criando e respeitando os espaços abertos á prática da leitura;
- Propondo a leitura como uma de suas metas;
- ampliando o acervo com parte de sua verba;
- pressionando o órgão central a agilizar verbas e dar condições materiais de funcionamento.

Aos professores atribui posturas como:

- Colocar o livro nas mãos do leitor;
- Promover conversas e debates sobre livros lidos;
- Possibilitar o leitor virar autor;
- Propor atividades lúdicas que revigorem o prazer da leitura;
- Ser, o professor, um leitor.

Diante disso, percebemos que há muito trabalho a ser feito, que o fato de desejarmos que o Brasil se torne um país de leitores, não é suficiente para que seja. Todavia, se por um lado enfrentamos barreiras e dificuldades por outro lado não podemos negar que medidas estão sendo tomadas. Os avanços alcançados pelas políticas já implementadas no Brasil nos últimos anos estão refletindo nos índices de leitura dos brasileiros. O PNBE é um dos exemplos de uma política que está funcionando e surtindo efeitos, mesmo que ainda sutis. Isso ocorre mediante outras carências e necessidades explicitadas na continuidade deste texto.

A crise do livro e da leitura no Brasil é uma característica normal da classe trabalhadora e isso se dá porque a leitura, segundo Barzotto (1999), se dá em espaços definidos: o do trabalho e o do lazer. Segundo ele, o hábito de leitura depende do equilíbrio trabalho-lazer, ou seja, é necessário que a leitura seja útil e gratificante.

Para Barzotto (1999) o que ocorre na classe trabalhadora é que muitos não veem utilidade da leitura em suas atividades diárias, muitas vezes, mecânicas e repetitivas, e não encontram prazer nesta, tanto porque não dispõem de tempo livre, quanto porque não se identificam com ela, ou vivem cansados, consumidos pelo trabalho.

Ainda há casos de pessoas que não leem porque não têm dinheiro para comprar livros, ou moram em cidades, ou bairros, onde não há acesso fácil à bibliotecas. Nestes casos, a falta de acesso ao livro é o fator culminante do não desenvolvimento do gosto pela leitura.

Segundo Mário Aragão, no século XX, o consumo e a produção de livros aumentaram progressivamente. A facilidade em relação ao acesso a livros e à biblioteca, atualmente, tem contribuído para universalização do conhecimento.

Cassiane Schmidt diz que o livro gratuito na mão do povo simboliza o acesso efetivo do público de baixo poder aquisitivo à informação.

A última pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2008), executada pelo IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) e encomendada pelo Instituto pró-livro, trouxe resultados animadores, quando, aponta crescimento de brasileiros considerados leitores. Aponta que 55% da população são leitores e que o brasileiro lê, em média, 4,7 livros por ano, sendo que esse número pode ser maior em algumas regiões, como no sul.

Para compreender um pouco mais sobre esse tema tão importante e que, hoje, está sendo tão discutido no contexto escolar, é necessário destacar que nem sempre o ensino da leitura e da escrita se deu como atualmente.

Segundo BATISTA (2008), até a década de 70, as práticas de ensino de leitura consistiam no uso de textos curtos, construídos com as famílias silábicas. Tratava-se de textos vazios de significação, na maioria das vezes um amontoado de frases. O trabalho com leitura concentrava-se unicamente na decodificação do texto. Por isso, a escola formou uma grande quantidade de leitores que, embora decodificasse textos, mostravam-se inaptos para realmente compreendê-los.

Acerca disso nos fala Maria Lajolo (1984), quando define um leitor maduro como aquele para quem, cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo o que já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros, das gentes e da vida.

Com o desenvolvimento das teorias sobre a leitura, e da divulgação de pesquisa nesta área, a saber, Ana Teberoski e Emília Ferreiro, com a psicogênese da língua escrita; entendeu-se, que a decodificação é apenas um dos preconceitos utilizados na leitura.

Segundo os PCN (BRASIL, 1997, p. 53),

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita etc.

Esse processo envolve o uso de estratégias, isto é, ações pelas quais o leitor guia sua leitura, para que seja possível construir um significado ou compreender o texto.

Nesse sentido, é muito importante que algumas observações, consideradas nos PCN, sejam feitas. Por exemplo:

1. O professor deve sempre ler para seus alunos, desde logo cedo.
2. Os livros devem ser apresentados para a criança de forma que esta sinta prazer no manuseio destes.
3. A criança deve encontrar um lugar agradável para realização das leituras.

Em relação ao tipo de livros ideais para apresentar o mundo da leitura às crianças, existem algumas recomendações.

Contraopondo Betty Coelho (1989) em “Contar histórias: Uma arte sem idades”, quando recomenda: histórias sem texto escrito, para bebês; narrativas curtas para crianças pequenas, com bichinhos, objetos do cotidiano para adequar aos interesses, como histórias de repetição e movimento para crianças da fase mágica (3 a 6 anos); de encantamento, de fadas, de aventuras para crianças na idade escolar; de ação e amor para meninos e meninas na pré-adolescência e as engajadas com o universo, com os problemas sociais, para adolescentes que sonham em mudar o mundo; com minha experiência docente numa escola privada, onde trabalhei com iniciação da leitura para crianças entre 02 e 07 anos, percebo que, para crianças em idade entre 01 e 03 anos, são sugeridos livros com grandes figuras, que ocupem uma página inteira, mostrando coisas simples e atrativas visualmente. Assim como, possibilitar o manuseio de livros de pano e de plástico, nesta fase da vida, é imprescindível. Desta forma ela se sente atraída pelas grandes figuras e pelas características físicas dos livros.

Para crianças entre 03 e 06 anos são recomendados livros com dobraduras simples, com predomínio de imagens, sem textos escritos ou com textos breves, podendo conter gravuras em alto relevo, propiciando um contato da criança com as imagens, através das mãos.

Já para as crianças entre 06 e 07 anos, que, provavelmente, estão ingressando no período de alfabetização, são indicados livros cujas ilustrações

sejam integradas ao texto, a fim de instigar o interesse pela leitura. Nos textos, o uso de letras ilustradas, palavras com estrutura dimensionada, e construções a partir de frases simples é de suma importância. Este período é excelente para inserir a poesia no mundo da criança, podendo ser trabalhada através de música, contação de histórias, jogos.

Spoked e Saracho trazem uma observação acerca do contato da criança com os livros,

...Os livros à disposição em uma sala de aula devem variar bastante em termos de tópicos e níveis de leitura. Se um livro for interessante, as crianças serão capazes de lê-lo além de seu nível e também abaixo dele. Elas precisam de lugares para se sentar ou se espicharem para ler sem serem perturbadas. As conversas não devem ser limitadas em uma área de leitura, pois a criança que estiver realmente interessada em um livro vai querer compartilhar seu conteúdo com as outras... (1998, p. 259)

Leland Jacobs (1972) sugeriu que uma coleção de livros de sala de aula deve ser equilibrada. O equilíbrio deve ser entre trabalhos contemporâneos e clássicos, entre literatura fantasiosa e realista, entre materiais ficcionais e informativos, entre leituras populares e sofisticadas, entre livros caros e baratos, entre periódicos e livros e entre prosa e poesia.

Como já citado anteriormente, o ideal é que o encontro da criança com o livro seja um encontro “mágico”, de maneira que haja um encanto neste ato, para assim, favorecer o desenvolvimento do gosto, da paixão pela leitura.

3. PROGRAMAS OFICIAIS DE LEITURA: O CASO DO PNBE

Segundo Barroso (2007), os índices de leitura dos brasileiros são baixíssimos, contudo, já foram piores. A Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, encomendada pelo Instituto Pró-Livro, com apoio da Câmara Brasileira do Livro (CBL), da Associação Brasileira de Editores de Livros (Abrelivros) e do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel), revelou que o brasileiro lê, em média, 4,7 livros por ano. O dado demonstra um salto quantitativo, se comparado a pesquisas realizadas anteriormente, nas quais essa média se mantinha em torno de um livro per capita, o que era vergonhoso para o país. Esse aumento se dá principalmente pela consecução de programas e projetos de incentivo à leitura. Em dois anos, mais do que triplicou o número de iniciativas no Brasil que facilitam acesso da população ao livro.

Contudo, a história das políticas de incentivo à leitura e ao livro não é recente. Isso se ratifica tomando-se como base o que nos diz Oliveira:

Em 21 de Dezembro de 1937, criou-se o Instituto Nacional do livro (INL), por iniciativa do Ministro da Educação Gustavo Capanema, com as competências de Organizar e publicar a Enciclopédia Brasileira e o Dicionário da Língua Nacional; Editar obras de interesse para a cultura nacional; Criar bibliotecas públicas; e estimular o mercado editorial.

(OLIVEIRA, 1994, p. 43)

No entanto, o INL sofreu diversas modificações, ao longo dos anos, e, segundo avaliações de sua atuação, ele não alcançou todos os seus objetivos iniciais, porém, sua contribuição para o desenvolvimento da biblioteca pública no Brasil foi expressiva, bem como no desenvolvimento da biblioteconomia.

Em 1938, o Estado institui a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), estabelecendo sua primeira política de legislação e controle de produção e circulação do livro didático no País. (FNDE/ programas de livro didático)

Em 1968 foi criado, pela Lei nº. 5.537/68, e alterada pelo Decreto-Lei nº. 872/69 o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

Em 1971, O Instituto Nacional do Livro (INL) passa a desenvolver o Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (Plidef), assumindo as atribuições administrativas e de gerenciamento dos recursos financeiros até então a cargo da Colted (Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático). A contrapartida das Unidades da Federação torna-se necessária com o término do convênio MEC/Usaid, efetivando-se com a implantação do sistema de contribuição financeira das unidades federadas para o Fundo do Livro Didático.

Em 1976, Com a extinção do INL, a Fundação Nacional do Material Escolar (Fename) torna-se responsável pela execução do programa do livro didático. Os recursos provêm do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e das contrapartidas mínimas estabelecidas para participação das Unidades da Federação. Devido à insuficiência de recursos para atender todos os alunos do ensino fundamental da rede pública, a grande maioria das escolas municipais é excluída do programa.

Em 1985, o Plidef dá lugar ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), trazendo algumas modificações

Em 1987 o Instituto Nacional do Livro e a biblioteca nacional passaram a integrar a Fundação Nacional pró-leitura, que em 1990 foi extinta passando sua atribuições para a Fundação Biblioteca Nacional. (Rosa, 2006)

Com a extinção, em fevereiro de 1997, da Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), a responsabilidade pela política de execução do PNLD é transferida integralmente para o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

O FNDE é uma autarquia federal, vinculada ao Ministério da Educação (MEC), com o intuito de captar recursos financeiros e canalizá-los para o financiamento de projetos de ensino e pesquisa, à luz das diretrizes do planejamento nacional de educação; e, concorrer para a promoção da universalização e elevação da qualidade do ensino brasileiro,

O FNDE, atualmente, executa três programas voltados ao livro didático: o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), o Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM) e o Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA). Seu objetivo é prover as escolas das redes federal, estadual e municipal e as entidades parceiras do programa Brasil Alfabetizado com obras didáticas de qualidade.

Os livros didáticos são distribuídos gratuitamente para os alunos de todas as séries da educação básica da rede pública e para os matriculados em classes do programa Brasil Alfabetizado. Também são beneficiados, por meio do programa do livro didático em Braille, os estudantes cegos ou com deficiência visual, os alunos das escolas de educação especial pública e das instituições privadas definidas pelo censo escolar como comunitárias e filantrópicas.

Cada aluno do ensino fundamental tem direito a um exemplar das disciplinas de língua portuguesa, matemática, ciências, história e geografia, que serão estudadas durante o ano letivo. Além desses livros, os estudantes do primeiro ano recebem uma cartilha de alfabetização. No ensino médio, cada aluno recebe um exemplar das disciplinas de português, matemática, história, biologia e química. A partir de 2009, receberá, também, um livro de geografia e um de física.

O FNDE executa diretamente os programas, não havendo repasse de recursos para as aquisições de livros, que são realizadas de forma centralizada. Depois da compra, eles são enviados aos estados, municípios, entidades comunitárias e filantrópicas e entidades parceiras do Brasil Alfabetizado.

A definição do quantitativo de exemplares a ser adquirido para as escolas estaduais, municipais e do Distrito Federal é feita com base no censo escolar realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC), que serve de parâmetro para todas as ações do FNDE.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é o mais antigo dos programas voltados à distribuição de obras didáticas aos estudantes da rede pública de ensino brasileira. É voltado para o ensino fundamental público, incluindo as classes de alfabetização infantil

A partir de 2001, o PNLD ampliou sua área de atuação e começou a atender, de forma gradativa, os alunos portadores de deficiência visual que estão nas salas de aula do ensino regular das escolas públicas com livros didáticos em braille.

Em 2004, com a Resolução nº 40, de 24/8/2004, ficou instituído o atendimento também aos estudantes portadores de necessidades especiais

das escolas de educação especial públicas, comunitárias e filantrópicas, definidas no censo escolar, com livros didáticos de língua portuguesa, matemática, ciências, história, geografia e dicionários.

O Programa Nacional do Livro Didático tem como objetivo oferecer aos alunos da rede pública, material didático de qualidade.

Possui três características básicas: 1) os livros são reutilizáveis (exceto os de 1º e 2º anos) por três anos; 2) a escolha das obras didáticas é feita pelo professor; 3) as obras são adquiridas com recursos do Governo Federal e distribuídas gratuitamente a todos os alunos matriculados no ensino fundamental público.

São distribuídas obras didáticas de Alfabetização, Matemática, Língua Portuguesa, Ciências, História e Geografia aos alunos da rede pública de 1º a 8º/9º ano do ensino fundamental, além de dicionários de Língua Portuguesa e livros regionais de História e Geografia.

A avaliação das obras é feita por universidades públicas, mediante estabelecimento de convênio. O MEC conta, ainda, com uma Comissão Técnica nomeada com o objetivo de subsidiar a Secretaria de Educação Básica na elaboração de políticas para o livro didático e de acompanhar a avaliação junto às universidades.

Nesta avaliação, são verificadas as condições físicas do livro e são elaboradas resenhas dos títulos após uma avaliação pedagógica.

Visando fornecer ao professor dos dois primeiros anos uma base mais ampla para o trabalho em sala de aula, o PNLD distribui obras complementares de diferentes áreas do conhecimento

O PNLEM, Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino médio, foi implantado em 2004, pela Resolução nº 38 do FNDE, o programa prevê a universalização de livros didáticos, para os alunos do ensino médio público de todo o país.

Inicialmente, atendeu 1,3 milhões de alunos da 1ª série do ensino médio de 5.392 escolas das regiões Norte e Nordeste, que receberam, até o início de 2005, 2,7 milhões de livros das disciplinas de português e de matemática.

Em 2005, as demais séries e regiões brasileiras também foram atendidas com livros de português e matemática.

Todas as escolas beneficiadas estão cadastradas no censo escolar realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC).

Em 2006, foram adquiridos 7,2 milhões de volumes, para serem utilizados em 2007, por 6,9 milhões de alunos, ficando 300 mil exemplares para compor a reserva técnica. Foram adquiridos, ainda, 1,9 milhão de livros de português e matemática para reposição dos que foram distribuídos no ano anterior.

Em 2007, foi feita a escolha dos livros didáticos de história e de química, usados em 2008, ano em que foram incluídas as disciplinas de geografia e física para serem utilizadas em 2009, completando, assim, a universalização do atendimento do ensino médio.

O Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA) foi criado em abril de 2007, para distribuição, a título de doação, de obras didáticas às entidades parceiras, com vistas à alfabetização e à escolarização de pessoas com idade de 15 anos ou mais.

Os objetivos do programa são os de dar cumprimento ao Plano Nacional de Educação - que determina a erradicação do analfabetismo e o progressivo atendimento a jovens e adultos no primeiro segmento de Educação de Jovens e Adultos até 2011 - e promover ações de inclusão social, ampliando as oportunidades educacionais para jovens e adultos a partir dos 15 anos que não tiveram acesso ou permanência na educação básica; e estabelecer um programa nacional de fornecimento de livro didático adequado ao público da alfabetização de jovens e adultos como um recurso básico, no processo de ensino e aprendizagem.

O governo Federal tem planos maiores para o PNLA, a partir de 2011, este, será incorporado a um novo programa, mais amplo: o Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos (PNLD EJA). Criado pela Resolução nº 51, de 16 de setembro de 2009, o PNLD EJA distribuirá as obras didáticas para todas as escolas públicas e entidades parceiras do programa Brasil Alfabetizado com turmas do 1º ao 9º ano do ensino fundamental de jovens e adultos.

O PNLA, que atende os estudantes apenas com livros de alfabetização, continuará funcionando até o final de 2010.

Além dos programas voltados ao livro didático o FNDE, em 1997 criou o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). O programa consiste na aquisição e distribuição de obras de literatura brasileira e estrangeira, infanto-juvenil, de pesquisa, de referência, além de outros materiais de apoio a professores e alunos, como Atlas, globos e mapas.

Desde sua criação, o PNBE vem sofrendo modificações para melhor atender às demandas de leitura das Escolas Municipais.

No decorrer das várias edições do PNBE, o MEC definiu a distribuição dos acervos, ora com foco na biblioteca escolar - caso do PNBE/1998, 1999 e 2000 - e ora no aluno - caso do PNBE/2001 2002 e 2003.

O primeiro acervo, em 1998, foi composto de 215 livros, dois globos e um Atlas Histórico Brasil 500 anos, foi dirigido a 20 mil escolas de 1a a 8a série com mais de 500 alunos e continha, além de obras de literatura infanto-juvenil, livros direcionados para a qualificação dos professores de ensino fundamental. A escolha dos títulos do acervo foi feita por notáveis da Academia Brasileira de Letras. E apresentou títulos como: *Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna; *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos* de Ecléa Bosi; *Mauá-Empresário do Império* de Jorge Caldeira; *Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi* de José Murilo de Carvalho; *A Formação das Almas: o Imaginário da República no Brasil* de José Murilo de Carvalho; *Quase Memória* de Carlos Heitor Cony; *As Razões do Iluminismo* de Sérgio Paulo Rouanet; *Poesia Completa e Prosa* de Vinícius de Moraes; *Antologia Poética* de Vinícius de Moraes; *Livros de Sonetos* de Vinícius de Moraes; *A Arca de Noé* de Vinícius de Moraes; *Nove, Novena* de Osman Lins; *Arquitetura Brasileira* de Carlos A. C. Lemos; *Moderna Gramática Portuguesa* de Evanildo Bechara; *Formação Econômica do Brasil* de Celso Furtado; *Antologia Poética* de Mário Quintana; Com destaque para diversas obras de Monteiro Lobato entre elas: *Viagem ao Céu*; *Histórias Diversas*; *Histórias de Tia Nastácias*; *A Chave do Tamanho*; *Caçadas de Pedrinho*; *Memórias da Emília*; *A Reforma da Natureza*; *O Pica-pau Amarelo*; *O Saci*; *Fábulas*; *Aritmética da Emília*; *Histórias do Mundo Para Crianças*; *O Minotauro*; *Reinações de Narizinho*; *Serões de Dona Benta*; *O Poço do Visconde*; *Peter Pan*; *Emília no País da Gramática*; *História das Invenções*.

O segundo acervo, distribuído em 1999, foi composto de 109 obras de literatura infanto-juvenil, sendo quatro livros em braile, voltados às crianças portadoras de necessidades especiais visuais. Esses últimos foram indicados pela Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação (MEC) e os demais títulos foram selecionados pela Fundação Nacional do Livro Infanto-Juvenil (FNLIJ). Esse acervo foi recebido por 36.000 escolas. O critério de escolha contemplou todos os colégios de 1a a 4a série, cadastrados no Censo Escolar de 1999, com mais de 150 alunos. Foram beneficiados, no total, 10,8 milhões de estudantes, com quatro milhões de livros. Não receberam a coleção aquelas escolas que atendiam, exclusivamente, as quatro primeiras séries no Censo de 1996 e que já haviam sido contempladas no PNBE de 1998. O acervo foi constituído de obras como: *A casa da madrinha* de Lygia Bojunga Nunes ; *Ida e volta* de Juarez Machado; *Maria Teresa* de Roger Mello; *Teatro I: Pluft* de Maria Clara Machado; *Viva o boi-bumbá* de Rogério Andrade Barbosa; *A fada que tinha idéias* de Fernanda Lopes de Almeida; *Alice no país das maravilhas* de Lewis Carroll, Trad. Ana Maria Machado; *Confusão maior no reino de Tânger menor* de Samir Meserani; *A bela e a fera* de Rui de Oliveira; *Noções de coisas* de Darcy Ribeiro; *O fantástico mistério de Feiurinha* de Pedro Bandeira; *Receitas de olhar* de Roseana Murray; *Mandiola e Douradinho* de Apolônio Abadio do Carmo, *entre outras*.

Em 2000, o atendimento do PNBE, devido a uma reivindicação pedagógica, foi voltado para a formação de professores e, no lugar de obras de literatura direcionadas aos alunos, distribuíram-se títulos voltados para os docentes. Esse material serviu de suporte para os professores no trabalho com os livros pedagógicos. No total, foram distribuídas 577,4 mil obras entre as escolas públicas do ensino fundamental participantes do programa Parâmetros em Ação, do MEC. Junto com esse material, os docentes receberam, também, um manual referente ao uso do acervo do PNBE/1999 - *Histórias e Histórias*.

O quarto acervo recebeu o nome de Literatura em minha casa e teve por objetivo incentivar a leitura e a troca de livros entre os estudantes, além de proporcionar opção de leitura à família do aluno, pois as obras poderiam ser levadas para casa, o que é relevante se pensarmos que muitas famílias brasileiras dispõem de pouco ou de nenhum material de leitura em casa.

O PNBE/2001 distribuiu, de fevereiro a junho de 2002, uma coleção com cinco obras literárias para cada aluno de 4ª a 5ª séries e suas respectivas escolas. Esse acervo era composto por trinta diferentes títulos de literatura infanto-juvenil divididos em seis coleções, contendo obras como: *Ou Isto ou Aquilo*; *Colar de Carlolina*; *Pescaria*; *Moda da Menina Trombuda*; *O Cavalinho Branco*; *Jogo de Bola*; *Tanta Tinta*; *Bolhas*; *Leilão de Jardim*; *Rio na Sombra*; *Os Carneirinhos*; *A Bailarina* – Cecília Meireles; *Negócio de menino com menina* de Ivan Ângelo; *O torcedor de Carlos Drummond de Andrade*; *Biruta* de Lygia Fagundes Telles; *Beijos mágicos* de Ana Maria Machado; *Lolo Barnabé* de Eva Furnari; *Marco e Apolo* de Cristina Porto; *A mãe da menina e a menina da mãe* de Flávio de Souza; *O piquenique do Catapimba* de Ruth Rocha; *O bisavô e a dentadura* de Sylvia Orthof; *É proibido miar* de Pedro Bandeira; *Atrás da porta* de Ruth Rocha; *Negrinho do pastoreiro* de Moacyr Scliar; *entre outras*.

O PNBE/2002 (5º acervo) atendeu aos alunos matriculados na 4ª série do ensino fundamental e as escolas públicas cadastradas pelo Censo Escolar/2002 que ofereciam essas séries no ano de 2003. Entre outros, apresentou títulos como: *Pequena canção*; *Epigrama n.º 11*; *A chácara do Chico Bolacha*; *Canção da Indiazinha* – Cecília Meireles; *Festa no brejo*; *Anedota búlgara*; *Boitempo*; *Pavão*; *Mulinha*; *Tortura* – Carlos Drummond de Andrade; *Pimenta No Cocuruto* de Ana Maria Machado; *Muito Capeta* de Ângela Lago; *O Menino Que Não Sabia Sonhar* de Daniel Munduruku; *Lampião e a Baronesa Heloisa* de Prieto; *Do Outro Mundo* de Ana Maria Machado; *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* de Jorge Amado; *O Irmão Que Veio de Longe* de Moacyr Scliar ; *A Vaca Voadora* de Edy Lima; *O Fantasma no Porão* de Elias José.

O PNBE/2003 e 2004 foi executado em cinco diferentes ações: *Literatura em Minha Casa* (para uso pessoal e propriedade do aluno); *Palavras da Gente* – Educação de Jovens e Adultos (para uso pessoal e propriedade do aluno); *Casa da Leitura* (distribuído para uso de toda a comunidade do município); *Biblioteca do Professor* (para uso pessoal e de propriedade do professor); *Biblioteca Escolar* (para a biblioteca da escola e uso da comunidade escolar);

Literatura em Minha Casa visa dotar o cidadão com a posse do livro, que deixa de ser um bem durável e passa a ser um bem de consumo (Britto, 2003). Cada aluno, então, recebe uma coleção com cinco livros de gêneros diversos, que passam a ser de sua propriedade, já que o objetivo do programa é incentivar o hábito de leitura compartilhada com pais, parentes, amigos fora da sala de aula, assim como na escola.

Palavra da gente é direcionada especificamente para jovens e adultos. Consiste numa coleção com seis volumes de obras de literatura e de informação para cada aluno na última série e para cada escola pública que possua mais de quatro alunos na última série do curso de jovens e adultos.

Nestes dois anos (2003 e 2004), foram distribuídos títulos como: *A Bagaceira* de José Américo de Almeida; *A Festa* de Ivan Ângelo; *A Formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil* de José Murilo de Carvalho; *A Literatura no Brasil: Era Barroca/Era Neoclássica* de Afrânio Coutinho; *A Literatura no Brasil: Era Modernista* de Afrânio Coutinho; *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'água* de Jorge Amado; *A Paixão Segundo G.H.* de Clarice Lispector; *Angústia* de Graciliano Ramos; *Poesia Completa (vol. 3)* de Cecília Meireles; *Poesia Completa (vol. 4)* de Cecília Meireles; *Poesia Completa e Prosa (vol. 1)* de Murilo Mendes; *Sítio do Pica-pau Amarelo: A Chave do Tamanho* de Monteiro Lobato; *Sítio do Pica-pau Amarelo: A Reforma da Natureza* de Monteiro Lobato; *Sítio do Pica-pau Amarelo: Aritmética da Emília* de Monteiro Lobato; *O Tempo e o Vento - O Arquipélago (vol. 1)* de Érico Veríssimo; *O Tempo e o Vento - O Arquipélago (vol. 2)* de Érico Veríssimo.

Em 2005 foi distribuído acervo para as bibliotecas de todas as escolas públicas brasileiras que atendem às séries iniciais do Ensino Fundamental. O número de títulos de cada acervo teve como base as matrículas de cada escola. O acervo dirigido às séries iniciais do Ensino Fundamental incluiu obras para alunos que estão em fase de alfabetização. Foi composto por obras de diferentes gêneros e tipos de texto, a saber: Poesias, quadras, parlendas e cantigas; contos, crônicas, teatro, textos de tradição popular, mitologia, lendas, fábulas, apólogos, contos de fadas e adivinhas; Novelas (clássicos, terror, aventura, suspense, amor, humor); além de Livros de imagens.

São exemplos de títulos deste ano: *Cavalhadas de Pirenópolis* de José Roger Soares de Mello; *Bumba meu boi bumbá* de José Roger Soares de Mello;

Vovó viaja e não sai de casa de Sylvia Orthof ; *Ah! Mar...* de Bartolomeu Campos de Queiroz; *Contos Árabes* de Maria Luísa Soriano Martins; *Poetando* de Flavia Ferreira Menegaz; *Raul e o luar* de Bartolomeu Campos de Queiroz; *A vassoura voadora e os brigadeiros de chocolate* de Rosana Fernandes Calixto Rios; *Tapete mágico: Quatro histórias de diferentes países* de Ana Maria Martins Machado; *Trucks* de Eva Furnari; *Vejam como eu sei escrever* de José Paulo Paes da Silva; *A famosa invasão dos ursos na Sicília* de Dino Buzzati; *Era uma vez três* de Ana Maria Martins Machado; *A estranha máquina extraviada* de José J. Veiga; *A palavra mágica* de Carlos Drummond Andrade; *As palavras que ninguém diz* de Carlos Drummond Andrade.

Em 2006, foram atendidas 46.700 escolas com aproximadamente 14 milhões de alunos de 5ª À 8ª série, ou do 6º AO 9º ANO, dependendo de o sistema de ensino já estar oferecendo o ensino fundamental de nove anos. Escolas com até 150 alunos recebem 75 livros. Entre 151 e 300 alunos, recebem 150 livros. Escolas com mais de 300 alunos recebem 225 livros. O acervo deste ano era composto por títulos de literatura dos mais variados gêneros (poesia, conto, crônica, romance).

Entre outras, as obras selecionadas foram: *Os 100 Melhores Contos de Humor*; *Meus poemas preferidos*; *13 dos melhores Contos de amor*; *Eu, Robô*; *O Diário de Nina*; *Feira de versos: poesia de cordel*; *Poesia marginal*; *No meio da noite escura tem um pé de maravilha!*; *O mundo é uma bola: crônicas, futebol & humor*; *O nariz*; *O diário de Zlata*; *Santô e os pais da aviação*; *Pêra, uva ou maçã?*; *Contos de espanto e alumbramento*; *Os assassinatos da Rua Morgue e O escaravelho de ouro*; *O gato do teatro*; *Mateus*; *Patativa do Assaré* *Antologia Poética*; *Existe outra saída, sim!* ; *Melhores Poemas de Mario Quintana*.

O Ministério da Educação ampliou o atendimento do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE. A educação infantil e o ensino médio, também, passaram a receber livros do PNBE. Com isso, cerca de 30 milhões de alunos brasileiros foram beneficiados com os novos acervos literários, adquiridos em 2007 e distribuídos entre abril e maio de 2008. Os acervos foram distribuídos

às escolas públicas de educação infantil, às que oferecem as séries iniciais do ensino fundamental (1ª a 4ª série ou 1º ao 5º ano) e às escolas do ensino médio das redes públicas municipais, estaduais, federal e do Distrito Federal.

Este acervo foi constituído de obras como:

Ensino Médio	Ensino Fundamental	Educação Infantil
VIDAS SECAS Graciliano Ramos	CANTARIM DE CANTARÁ Sylvia Orthof	TRAVADINHAS Eva Furnari
CAPITÃS DE AREIA Jorge Amado	A BOLA E O GOLEIRO Jorge Amado	O JOGO DO VIRA-VIRA Ana Maria Martins Machado
FELIZ ANO VELHO Marcelo Rubens Paiva	25 ANOS DO MENINO MALUQUINHO Ziraldo Alves Pinto	DE LETRA EM LETRA Bartolomeu Campos de Queiróis
AUTO DA COMPADECIDA Ariano Suassuna	AS COISAS QUE A GENTE FALA Ruth Rocha	BICHOS DA NOITE Carla Caruso

Este ano, (2009), o PNBE distribuiu livros às escolas públicas que oferecem as séries finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano) e às do ensino médio de todo o país. Os acervos foram compostos por títulos de poemas, contos, crônicas, teatro, textos de tradição popular, romances, memórias, diários, biografias, ensaios, histórias em quadrinhos e obras clássicas. Para tanto, o critério de atendimento foi: Escolas com até 250 alunos receberam 100 títulos; com 251 a 500 estudantes, 200 obras; acima de 501 estudantes, 300 títulos.

Entre outras, as obras selecionadas foram:

ENSINO MÉDIO	ENSINO FUNDAMENTAL
A MALDIÇÃO DA MOLEIRA	FIGURINHA CARIMBADA
O INVENTOR DE JOGOS	ANTOLOGIA DE CONTOS FOLCLÓRICOS
OUTRAS HISTÓRIAS	BOM DIA CAMARADAS
A PENA E A LEI	DOM MIGUEL - REI DE PORTUGAL
AMAR, VERBO INTRANSITIVO	FEBEAPÁ 123
O ALIENISTA	CORAÇÃO ROUBADO
OS FILHOS DE CANDINHA	JOGO DO PENSAMENTO
MEU QUERIDO CANIBAL	EU VI MAMAE NASCER
O ANEL DOS NIBELUNGOS	A VACA VOADORA
LISBELA E O PRISIONEIRO	ASSASSINATO NA LITERATURA INFANTIL

De acordo com MAGNANI (2001) a falta de hábito de leitura tem sido apontada como uma das causas do insucesso escolar do aluno e, em consequência do seu fracasso enquanto cidadão. Para Britto, a leitura de textos literários então é vista como um agente de mudança, ou seja, o livro é entendido como um objeto mágico, transformador dos seres e de uma sociedade até então diferenciada (Britto, 2003).

Sendo assim, o objetivo do MEC em fornecer esses livros definitivamente para os alunos é que a magia do livro atinja a ele e toda sua comunidade, já que ele terá a posse do livro, disseminando assim a literatura.

Segundo Britto (2003), os projetos realizados no campo da leitura e do livro, anteriores ao PNBE, caracterizaram-se apenas pela distribuição de livros com pouco critério sobre a qualidade e sem nenhum objetivo a ser atingido. Essas ações nunca foram acompanhadas de uma diretriz pedagógica ou de um projeto de acompanhamento e avaliação, portanto, não houve consistência, sistematização ou organicidade em relação à promoção da leitura pelos órgãos governamentais ligados a educação.

No entanto, o PNBE possui critérios próprios de escolha e avaliação de suas obras. O FNDE firmou parceria com o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) responsável por coletar amostras e realizar o controle de qualidade dos livros, de acordo com normas técnicas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), normas ISO e de manuais de procedimentos de ensaio pré-elaborados.

Para MAGNANI (2001), a leitura é fundamental no processo educativo, mas, há de se pensar se essas medidas beneficiam qualitativamente a maioria da população, pois para se formar leitores, não basta oferecer livros. É preciso buscar questões que têm a ver com a concepção de sociedade, de educação, de linguagem, de leitura e de literatura pelas quais optamos.

Sendo assim, para o sucesso dos objetivos propostos para o PNBE faz-se indispensável que a Escola, como instituição responsável pela promoção da leitura e do conhecimento, proporcione situações de leitura. Ou seja, a Escola deve garantir o bom uso dos livros recebidos, bem como, a movimentação dos acervos contidos nas bibliotecas.

4. ESTUDO DE UM CASO: PNBE NA ESCOLA BATISTA DA VASCO DA GAMA

“Um país se faz com homens e livros” (Monteiro Lobato). A partir de tal afirmação inicio o relato de minha pesquisa na Escola MUNICIPAL Batista da Vasco da Gama.

A Escola Batista Vasco da Gama fica localizada na Rua Sérgio de Carvalho, no Engenho Velho da Federação. Funciona num espaço cedido por uma igreja, oferece ensino para crianças do Ensino Fundamental até o 5º ano. O espaço físico não é adequado, pois não há área para recreação, a passagem de uma sala pra outra é apertada, é um local sem uma organização de prédio escolar, já que na verdade, funcionava uma igreja nesse local, sendo mais tarde cedido para funcionamento da escola. Contudo, há uma sala reservada para livros e materiais escolares.

Fui até lá, na expectativa de encontrar a professora Maria Ísis, licenciada em Pedagogia pela UFBA (projeto Salvador), informante nesta pesquisa. A qual também assume a função de vice-diretora da Escola. Esta me recebeu com bastante gentileza e atenção, se mostrou uma pessoa interessada em colaborar com a pesquisa. Levou-me até uma sala que funciona tanto a direção, como a secretaria, o depósito de merenda escolar, o almoxarifado, além de ser o lugar onde as crianças têm acesso aos livros de literatura, os quais ficam à sua disposição, numa estante localizada logo na entrada desta sala.

Iniciamos uma conversa amistosa; apresentei-me e, em seguida, lhe expliquei o motivo de minha visita e expus o assunto da pesquisa.

Começamos então a falar sobre a composição do acervo da escola, motivo da primeira pergunta que lhe foi formulada. Ela me respondeu que o acervo que eles possuem é muito bom, que, de falta de livros, nenhum professor pode reclamar, porém, não há espaço físico adequado para guardar os livros recebidos. Segundo ela, os livros chegam dos programas do governo, tanto federal, como estadual e até municipal.

Destacou que, muitas vezes, alguns livros chegam em quantidade superior ao número de alunos a que se destinam, enquanto outros, chegam em quantidades menores ao número de alunos.

Ao lhe perguntar sobre o PNBE, Íris se mostrou informada, e, até certo ponto, satisfeita com os títulos recebidos, principalmente Nos últimos anos, citou “A literatura em minha casa”, afirmando que foi uma das coleções de que mais gostou.

Então perguntei sobre o destino de tais livros. E ela, com certo pesar, declarou que a maioria dos livros foi colocada à disposição dos alunos, estes, levavam para casa e não traziam de volta, nisto, uma grande parte “se perdeu”, ou seja, não estão mais na escola. Ela destaca que isso ainda acontece com alguns livros hoje.

Outros, segundo ela, foram levados por professores que trabalhavam na escola e que deixaram de ensinar lá. Simplesmente, levaram livros e não os devolveram.

Quando a questão foi sobre a movimentação do acervo, Maria Íris expressou que os professores da escola costumam levar os livros para a sala de aula, quando neles são tratados conteúdos específicos a serem trabalhados, conforme o programa. E destacou que o trabalho com leitura mesmo ocorre em baixa frequência, É muito pouco. Na opinião dela, os professores da escola não estão capacitados para trabalhar com leitura e literatura.

Ela aponta que projetos e programas já foram elaborados pela direção da Escola, para promoção da leitura, mas, infelizmente, não deram continuidade. De acordo com ela, os projetos são iniciados, mas, devido a algumas dificuldades, como quantidade de alunos por sala, despreparo dos professores, falta de espaço físico, param de ser executados.

A professora Íris acredita que o grande problema de não haver uma maior movimentação no acervo da Escola é a sua estrutura física que dificulta o acesso aos livros.

Como já dito, os livros ficam à disposição dos alunos, numa estante, numa sala, todavia, esta sala não dispõe de espaço para leitura, nem cadeiras ou mesas para que o aluno possa se sentar e analisar um livro, ou seja, não é um ambiente que beneficie a prática da leitura.

Íris se mostra muito inquieta com esta situação e faz muitas observações importantes. Entre elas, afirma que:

1. Existe muito material na escola que não é utilizado pelos professores.
2. A falta de espaço físico ocasiona que os livros fiquem em caixas, ou em gavetas, o que impede o acesso a estes.
3. Não há motivação dos professores para trabalhar com leitura e literatura.

Segundo relato da professora, a diretora da escola não gosta de tocar neste assunto. A própria Maria Íris diz que tentou já diversas vezes iniciar um trabalho diferente com leitura para as crianças, mas não encontrou apoio das demais professoras, e sendo assim, acabou não conseguindo dar prosseguimento.

Após a realização da entrevista que se estendeu a conversas sobre tais assuntos e inquietações da professora Íris, solicitei a ela permissão para apreciação do acervo, objetivando a observação intencionada.

Ela então começou a abrir muitas gavetas de uns armários de ferro, tipo arquivo, contidos na sala onde estávamos. Trata-se de uma sala média, onde funciona a direção, a coordenação, a secretaria e o depósito de merenda escolar. Nesta, há dois grandes armários com material escolar, duas estantes com livros, além dos armários de ferro já citados. Dentro das gavetas destes armários, existe uma preciosidade sem tamanho. Livros de literatura, para todos os gostos. De dentro de tais armários saíram: Ruth Rocha com “As coisas que a gente fala”; Sylvia Orthof com “A fada lá de passárgada e cabidelim o doce monstrinho”; Vinícius de Moraes com “A arca de Noé”; Jorge Amado com “A bola e o goleiro”; Fernanda Lopes de Almeida com “O rei maluco e a rainha mais ainda”; Leo Cunha com “A menina da varanda”; Eva Furnari e toda a sua coleção; Ziraldo e toda a sua maleta, inclusive várias delas; Christina Dias com “O galinheiro do Bartolomeu”, José Roberto Torero com “Naná descobre o céu; Charles Kiefer com “Você viu meu pai por aí?”; Ricardo Azevedo com “Se isto fosse aquilo” e diversos outros como: Romeu e Julieta de Nicola Ciquetti e Octavia Mônaco; Sete contos russo da companhia das letrinhas; além de uma vasta coleção de livrinhos, super-interessantes, enviados pelo município, com histórias abordando temas como: trânsito, educação, preconceito, etc. Tal coleção chegou na escola este ano, a maioria dos livros ainda estavam nas embalagens.

Com exceção dos livrinhos enviados pelo município, todos os citados acima, foram enviados pelo PNBE, de diferentes anos. A saber, trago uma pequena mostra dos segredos escondidos no oculto de uma sala.

TÍTULO	AUTOR	ANO/COLEÇÃO
A BOLA E O GOLEIRO	JORGE AMADO	2008
O CASO DAS BANANAS	MILTON CÉLIO DE OLIVEIRA FILHI	2008
TÔ COM FOME	LIA ZATZ	2008
O MENINO ENESPERADO	ELISA LUCINDA	2008
DA CABEÇA AOS PÉS	MARILDA CASTANHA	2008
25 ANOS DO MENINO MALUQUINHO	ZIRALDO	2008
O CATADOR DE PENSAMENTOS	MONIKA FETH	2005
O CASO DAS BANANAS	MARIANA MASSARANI	2005
OS CONQUISTADORES	DAVID MC KEE	2005
CORDA BAMBA	LYGIA BOJUNGA	2005
HOMERO - ILÍADA	BRUNO CARVALHO	2005
ADIVINHE SE PUDER	EVA FURNARI	2005
QUEM CANTA SEUS MALES ESPANTA	THEODORA MARIA MENDES DE ALMEIDA	2005
PLUFT, O FANTASMINHA	MARIA CLARA MACHADO	LITERATURA EM MINHA CASA
BAZAR DO FOLCLORE	RICARDO AZEVEDO	LITERATURA EM MINHA CASA
O FANTÁSTICO MISTÉRIO DE FEIURINHA	PERDO BANDEIRA	LITERATURA EM MINHA CASA
MINHAS MEMÓRIAS DE LOBATO	LUCIANA SANDRONI	LITERATURA EM MINHA CASA
A ÁRVORE QUE DAVA DINHEIRO	DOMINGOS PELLEGRINI	LITERATURA EM MINHA CASA

VIDA E PAIXÃO DE PANDONAR, O CRUEL	JOÃO UBALDO RIBEIRO	LITERATURA EM MINHA CASA
HOJE TEM ESPETÁCULO: NO PAÍS DOS PREQUETÉS	ANA MARIA MACHADO	LITERATURA EM MINHA CASA
DO OUTRO LADO TEM SEGREDO	ANA MARIA MACHADO	2003
UÓLACE E JOÃO VICTOR	RUTH ROCHA	2003
CAÇADAS DE PEDRINHO	MONTEIRO LOBATO	2003
O MENINO NARIGUDO	WALCYR CARRASCO	2003
A CASA DA MADRINHA	LYGIA BOJUNGA	2002
ZÉ VAGÃO DA ROCHA FINA E SUA MÃE LEOPOLDINA	SYLVIA ORTHOF	2002
TERRA DOS MENINOS PELADOS	GRACILIANO RAMOS	2002
TODA CRIANÇA DO MUNDO	MARIA LAJOLO	2002

Além desses, pude observar que existem outros livros de literatura na escola que não vieram do PNBE. A saber, livros de Ana Maria Machado, Rubem Alves e Elias José. Soube, pela professora Íris, que fazem parte de um acervo constituído com dinheiro enviado à escola pelo FNDE. Ela contou que ela mesma administra essa questão, estabelecendo a divisão correta da verba, de maneira a proporcionar a compra, de vez em quando, de alguns livros, e que já comprou por vezes, até com o próprio dinheiro, livros para a escola.

Para além desta sala, que mesmo não sendo uma respeitável sala de leitura ideal, não deixa de ser um mundo de fantasias, uma longa viagem entre personagens e histórias magníficas (nem preciso salientar que estava em êxtase), existe no fundo, outra sala.

Nesta segunda sala, há estantes repletas de livros didáticos. Livros enviados PNLD de diferentes anos. Estão todos lá. Segundo relato de Maria Íris, o acervo é excedente. Livros que chegam em grandes quantidades, ou, livros que não são adotados pelos professores, mas, mesmo assim, são enviados à escola.

Durante a observação, percebi que são livros de boa qualidade e que estão ainda novos. A professora disse que são utilizados pelos professores em sala, que cada professor recebeu a quantidade necessária para seus alunos,

entretanto, aqueles nas estantes, não estão sendo utilizados. Inclusive, confessou que já procurou saber se poderia dar outro destino aos livros, por exemplo, doar para alguém, ou para outra escola.

Segundo ela, o trabalho com o livro didático é constante, o problema mesmo é com a literatura.

Conversando com a professora Maria Íris, pude perceber um grande entusiasmo para com seu trabalho e principalmente para com a leitura e literatura.

Ela declarou que este encanto para com a leitura e a literatura, não é ao acaso. É decorrente de sua formação no Projeto Salvador, projeto assumido pela Faced/UFBA, sob coordenação da professora Mary Arapiraca. Afirmou que só adquiriu essa paixão após participar desse programa de formação de professores, e vivenciar as experiências provocadas pelas aulas dos professores e oficinas de leitura, o que, segundo ela, despertou-lhe o desejo de conhecer mais sobre a literatura infantil, que está à nossa disposição, mas não fazemos uso.

Ao salientar tal fato, mencionou que *“muitos professores precisavam passar por tal experiência. Quem sabe, assim, não se motivavam a trabalhar com leitura e literatura na Escola?”*

Antes de me despedir da professora Maria Íris, agradecida e satisfeita com a visita, solicitei que esta, produzisse se possível, um pequeno texto, sobre o que significava pra ela a formação que ela recebeu na UFBA através do Projeto Salvador, bem como, o que mudou em sua prática educativa após tal fato.

Ela então escreveu assim...

Durante o processo de formação na Faculdade de Educação da Bahia - FAGED/UFBA na Disciplina Práticas Formativas, ministrada pelo professor Luis Felipe e pelas professoras Ana Paula, Lícia Beltrão, Maíta de Andrade e Zuleica Rios, com visita às Escolas Municipais da cidade do Salvador, e pelas Disciplinas: Sarau Literário, (prof^o José Carlos), Leitura e Produção de Texto, Oficina de Leitura, (prof^a Lícia Beltrão) e Estudos Literários, (prof^a Lícia Beltrão e Regina Campana) entre tantas outras Disciplinas e Oficinas as quais contribuíram para ampliar o meu olhar sobre leitura, a minha prática e o papel da escola no processo de formação de leitores, percebi que se faz necessário uma tomada de consciência enquanto nossa postura, diante da nossa prática na introdução da leitura literária e na formação de leitores, já que a leitura ainda é considerada a vilã principal nos índices de reprovação nas escolas.

A leitura Literária é introduzida nas salas de aula, com maior ênfase, pela via do conhecimento informal, pela valorização da palavra pela palavra, ou qualquer outra intencionalidade, menos com a da própria leitura. Até mesmo os textos literários quando introduzidos nas salas de aula é acompanhado de um pretexto previamente definido pelos docentes, servindo de suportes para desenvolver atividades de aprendizagens. A partir de minha experiência no Projeto Salvador pude aperfeiçoar as minhas rodas de histórias lidas e contadas, além de resgatar memórias de histórias e contos que ouvia quando criança é claro que estou longe de ser uma contadora de histórias, não que não queira, mas por questão de competência. Só sei que o que eu fazia melhorou bastante, meus alunos estão mais predispostos e eu mais capacitada e compreensiva, mas, sei que muito tenho ainda para aprender

Mostra-se nestas palavras o reconhecimento da vice-diretora Maria Íris à capacitação recebida através do Projeto Salvador. Ratificando assim, a necessidade, aqui defendida, de existir uma capacitação específica para os professores das escolas municipais para o trabalho com leitura e literatura na Escola.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É lamentável. Mas sou obrigada a declarar que os alunos da Escola Municipal Batista da Vasco da Gama estão perdendo um mundo de fantasias e histórias surpreendentes contidas nos armários de sua escola.

Este fato se dá tão somente por dois fatores, já relatados anteriormente:

- 1) A falta de estrutura física da Escola, que não dispõe de uma sala apropriada para acesso das crianças aos livros, bem como à leitura deles;
- 2) A falta de preparo e estímulo dos professores para trabalhar com leitura e literatura.

É fato que o PNBE tem cumprido com seu papel de prover a biblioteca da Escola com livros, como uma ação de incentivo à leitura, contudo esta ação não está sendo suficiente para que o objetivo maior seja alcançado.

Parece-me, pois, que talvez seja a hora de mudar um pouco o foco de nossa preocupação. Os programas de fomento quantitativos da leitura estão chegando a um impasse, parece está próximos de seu teto afinal de contas, meramente estatístico. Cada vez se edita mais, certo. Os números crescem e se multiplicam. Mas o que se edita? O que se lê? O que se dar para as crianças e jovens lerem? Temos discutido já bastante essa questão, e sempre insisto em que o importante não é multiplicar uma leitura de consumo, mas, sim garantir o encontro com a literatura. (MACHADO, 2001, p.122)

Isso não significa que então não adianta oferecer livros às crianças, significa, antes sim, que é preciso oferecer às crianças livros de qualidade literária e condições de leitura, é preciso fazer com que a leitura seja imprescindível na vida das crianças. (MACHADO, 2001, p.122)

O PNBE, sem dúvidas, tem sido um suporte para o trabalho com leitura na escola, no sentido de fornecer o material necessário. Entretanto, se o objetivo é “promover o acesso à cultura e à informação, bem como incentivar a formação do hábito da leitura nos alunos, professores e na população”, o programa ainda possui algumas falhas. Como por exemplo, a falta de conhecimento dos próprios diretores e professores das escolas acerca do programa.

Antes de escolher definitivamente esta escola para realização da pesquisa, visitei outras duas escolas. Na primeira escola, perguntei se havia biblioteca, e a vice-diretora respondeu que não, mas que existia uma estante com livros para que os alunos pudessem folhear. Ao perguntar sobre o PNBE, a mesma respondeu que não conhecia o programa e que não era atendida por este. O que ocorre é que ao me dirigir até a estante mencionada, pude contemplar os livros com o símbolo do PNBE na capa, ou seja, os livros do acervo eram oriundos do PNBE e a vice-diretora não tinha conhecimento disso.

O Brasil tem melhorado seus índices de leitura sim. E isso é devido a diversas ações, entre elas a consecução de projetos de leitura, como o PNBE. Milhões de reais são destinados à aquisição desses títulos. É um investimento gigantesco para que os leitores sejam “formados”, contudo o que se concretiza é o estoque dos livros nas bibliotecas.

Ações, ainda poucas, estão sendo desenvolvidas no sentido de capacitar os professores para trabalhar com esses livros enviados pelo PNBE.

Segundo Aparecida Paiva (2008), o Ceale - Centro de Alfabetização Leitura e Escrita (Órgão complementar da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais) elabora, junto às instituições públicas, projetos de formação de professores. Ela afirma:

O Centro vem desenvolvendo, desde a sua criação, projetos que buscam integrar a pesquisa, a extensão e a publicação. E assume, ao participar de projetos governamentais, o seu compromisso, como instituição pública, de colaborar nas políticas públicas que venham subsidiar o trabalho de professores e alunos das escolas brasileiras.
(2004, p. 15)

E ainda completa:

O Ceale, em seu compromisso junto ao PNBE, procura diminuir cada vez mais o abismo que, infelizmente, ainda ocorre neste país entre o livro e o estudante. Criar uma biblioteca, alimentá-la frequentemente, nutri-la com obras significativas, tanto nacionais quanto estrangeiras, exercer um controle de qualidade na aquisição desses livros, possibilitando que o estudante tenha sempre ao seu alcance um universo de opções que possa ser lido, compreendido e assimilado, tudo isso representa, em verdade, recriar um país, redescobrir suas potencialidades. Assim, o que o Ceale anseia, ao semear livros e fecundar mentes, é investir num processo contínuo de letramento e fundamento de cidadania. (2004, p. 18-19)

Contudo, há ainda um longo caminho a ser percorrido para conseguirmos um país de leitores. Como afirma Magda Soares (2004):

Este é um país de raras e precárias bibliotecas; raras e precárias bibliotecas públicas, raras e precárias bibliotecas escolares. [...] Este é também um país de poucas, pouquíssimas livrarias. [...] Este é um país de livros caros para uma população em sua maioria pobre.
(2004, p. 23)

5.1 CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Concluimos com tal pesquisa que o incentivo à leitura vai além da oferta de livros, já que podemos observar que livros não faltam na Escola, o real problema, e a maior dificuldade, neste caso, é o espaço inadequado, que não permite a apreciação dos livros disponibilizados na Escola, pela criança. Porque boa vontade e disposição para trabalhar a vice-diretora, Maria Íris, demonstrou.

Sendo que ficou claro: sua experiência no Projeto Salvador foi o que lhe proporcionou uma nova visão acerca do papel da leitura na escola e, a partir disso, é que ela tenta com todos os esforços promover a movimentação do acervo da escola.

Com isso, concretiza-se a importância dada aqui à capacitação do profissional que age diretamente com o desenvolvimento da leitura na Escola – O professor.

Segundo SILVA (2004),

Em que pese a complexidade teórica dos processos de ensinar, aprender e ler, acredito que muitas pessoas já ensinaram e aprenderam muitas coisas no transcurso de suas vidas. E estamos até agora ensinando, aprendendo e lendo. E vamos continuar nesse processo de ensino, aprendizagem e leitura, porque o ensinar, o aprender e o ler são os primeiros sustentáculos do processo de conhecer. Assim, o conhecimento, a construção do conhecimento pelo outro que é meu aluno, coloca-se como compromisso primeiro de todo professor. Ou seja, para promover verdadeiramente o conhecimento junto aos seus grupos de estudantes, em um determinado contexto escolar e no decorrer do tempo, o professor tem de ensinar bem, e para ensinar bem ele deve aprender sempre e ler continuamente ao longo da vida.

Só se aprende a ler - a ler de verdade, não meramente a decifrar letras, sílabas e palavras - em ambientes nos quais se lê. Ou seja, o desenvolvimento da leitura só ocorre se a criança interagir com leitores maduros que, lendo com ela e para ela, lhe permitem familiarizar-se com a atividade de leitura, envolver-se e desenvolver-se nela.

Esse envolvimento é indispensável para que se desenvolva o gosto pela leitura nas crianças, e a responsabilidade de proporcionar esse encontro (criança e livro) é dos adultos, sejam eles, pais, professores, vizinhos ou amigos. Que sendo eles mesmos leitores, e entregando o livro na mão da criança de maneira que esta venha a conhecer o infinito de sensações provocadas pela leitura incentivam e promovem a leitura.

Contudo, torna-se tão imprescindível a qualificação e atitude exemplar do professor, quanto a oferta de material para o seu trabalho. Neste sentido, é que o governo vem suprindo as necessidades das escolas municipais, não só com livros didáticos, mas também com literatura, material para o professor, além de DVD e CD que facilitam e incentivam o trabalho na escola.

O problema é que esse material, principalmente os livros, estão sendo objeto apenas de contemplação. Os livros realmente não circulam pela escola, não circulam nas mãos dos alunos.

Esse fato vai de encontro com a proposta de democratização da leitura apontada por Aparecida Paiva (2008), a qual afirma que:

A ampliação das matrículas escolares e a própria facilidade técnica de produção do livro e do material de leitura em geral têm facilitado a publicação de novos títulos e o surgimento de novos escritores. Ao lado disso, várias ações governamentais e não-governamentais têm sido implementadas nos últimos anos com o objetivo de promover a democratização da leitura. (2008, p. 10-11)

Contudo ela mesma contrapõe que:

Os obstáculos à democratização da leitura são, assim, fundamentalmente, de natureza estrutural e econômica; sem que estes obstáculos sejam vencidos [...] podemos, e devemos, na área de educação formal ou não-formal, dar nossa contribuição para a democratização da leitura, mas sempre conscientes de que a democratização cultural, a distribuição equitativa deste bem simbólico que é a leitura, depende de mudanças estruturais que ultrapassam o educacional e o cultural. (2008, p. 24-25)

Em vista disso, Magda Soares (2004) diz que a leitura, particularmente a leitura literária, além de dever ser democratizada, é também democratizante, já que em grande parte somos o que lemos, “e não apenas lemos os livros, mas também somos lidos por eles”.

Seguindo essa linha de pensamento, são incalculáveis os prejuízos na vida e no desenvolvimento de uma criança que não tem acesso à leitura, e à literatura. É imensurável o que eles deixam de ler, deixam de viver, deixam de experimentar, deixam de conhecer, quando não leem, por exemplo: **O catador de pensamentos** de Monika Feth. Nele encontramos uma belíssima história capaz de elevar a imaginação de qualquer pessoa, criança ou adulto, a um novo estágio; Retrata, entre outras coisas, a importância de cultivarmos bons pensamentos. Traz de maneira especial, contidos nas entrelinhas do texto, conceitos como amizade, cuidado, carinho. Além de oportunizar o trabalho com as iniciais das palavras, com rimas, com conteúdos como: ordem alfabética, cores, semelhanças e diferenças, sinônimo e antônimo.

E não só este, como: **O caso das bananas** de Milton Célio de Oliveira Filho. Esplêndido! Um show de grandes imagens coloridas, contendo um texto de fácil compreensão acerca de um “suposto” roubo que aconteceu na mata. Aborda questões como a investigação da verdade, a necessidade de ouvir todas as partes envolvidas num problema, o valor de saber ouvir sem se precipitar nas conclusões, além de ser um texto constituído com palavras simples com letras em caixa alta, facilitando assim a leitura e envolvimento da criança com a história. Ao longo da narrativa levanta um clima de mistério e suspense, utilizando para isso charadas que vão aos poucos sendo desvendadas a cada página virada. Ideal para alunos que estão no processo de alfabetização.

E por último, mas, não menos importante: **O menino inesperado** de Elisa Lucinda. Trata-se de um tesouro. É encantador perceber como a autora se utiliza de versos para retratar um tema tão controverso como é o medo. Ela apresenta-o como algo que existe, está presente em nossas vidas, muitas vezes é importante, mas que temos que enfrentá-lo para vivermos bem. Tudo isso de maneira agradável e singular, proporcionando uma leitura séria e engraçada ao mesmo tempo.

Diante disso só tenho a lamentar, que dezenas, ou quem sabe centenas, de outros livros como estes, estejam lotando os armários e estantes da Escola Batista Vasco da Gama, e não estejam cumprindo sua função.

São livros como estes, que foram enviados à escola, pelo PNBE, e que constituem o acervo da escola, mas, que poucas vezes são utilizados pelos alunos.

Os livros têm um à função a cumprir. E nas estantes, parados, essa função nunca se concretizará.

Deixo uma citação de Ana Maria Machado (2001), para reflexão:

Se a boa leitura garante a possibilidade de ascensão social e a tomada de uma parcela de poder, desenvolvendo a capacidade de ler entrelinhas e pensar pela própria cabeça, pode ser muito perigoso para os privilegiados assegurar a imersão da população num ambiente de bons livros. (2001, p. 184)

REFERÊNCIAS

ÂNGELO, I. **O problema do livro no Brasil**. In: Caderno Cultura, O Estado de S. Paulo, 17 de agosto de 1981.

Aragão, Mário. **A história do livro**. Disponível em <<http://marioaragao.com.br/a-historia-do-livro>> acesso em: 05 de Outubro de 2009

BARZOTTO, Valdir Heitor. **Estado de Leitura**. São Paulo: Mercado de Letras. 1999.

BATISTA, C. V. M. ; Bossa, Sandra . **Alfabetizar na Educação Infantil: sim... ou não?**. Revista aprendizagem (Pinhais, PR), v. 8, p. 21-24, 2008.

BRASIL. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997. v2

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Cultura Escrita, Escola e Participação**, Sorocaba, 2000.

CHARTIER, Anne-Marie. **Ler e escrever: entrando no mundo da escrita**. Trad. Carla Valderga, Porto Alegre: Artes Médicas, 1996

COELHO, B. **Contar histórias; uma arte sem idade**. São Paulo : Ática, 1989.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GARCIA, EDSON GABRIEL. **Leitura na escola de 1º grau - por uma outra leitura da leitura**, Editora Loyola, 1992.

LAJOLO, M. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, R. (org). **Leitura em crise na escola: As alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

MACHADO, Ana Maria. **Texturas: sobre leitura e escritos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, Literatura e escola: sobre a formação do gosto**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NASPOLINI, A. T. **Didática do Português: Tijolo por Tijolo: Leitura e produção escrita**. São Paulo: FTD, 1996

OLIVEIRA, Zita Catarina Prates. **A biblioteca “fora do tempo”: políticas governamentais de biblioteca públicas no Brasil, 1937–1989**. 1994. 221 f. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda. (org) **Literatura Infantil: Políticas e concepções**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2008

PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda. (org) Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2008

ROSA, Flávia Goullart Mota Garcia. **Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca**, Brasília, v.35, n.3, p. 183-193, set./dez. 2006 disponível em <http://www.oei.es/fomentolectura/politicas_publicas_livro_leitura_biblioteca.pdf> acesso em 03 de outubro de 2009

SCHMIDT, Cassiane. **A leitura no contexto escolar**. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/a-leitura-no-contexto-escolar>> acesso em: 01 de Outubro de 2009

SILVA, E. T. ; COELHO, N. N. ; LAJOLO, M. ; AZEVEDO, R. ; FARIA, V. L. B. ; SOUZA, R. J. ; SANTOS, C. C. S. ; ZANCHETTA, J. ; MENDES, P.. Ensino-aprendizagem e leitura: desafios ao trabalho docente. In: Renata Junqueira de Souza. (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. 1ª ed. São Paulo: DCL, 2004, v. 1, p.26 – 36.

SPODEK, Bernard; Saracho, Olivia. **Ensinando crianças de três a oito anos**. Trad. Cláudia Oliveira Dornelles. – Porto Alegre: ArteMed, 1998